

1 Introdução

“Somos todo el pasado, somos nuestra sangre, somos la gente que hemos visto morir, somos los libros que nos han mejorado, somos gratamente los otros”.
Jorge Luis Borges (1974)

Na experiência clínica como psicanalista, fui-me defrontando com lacunas no embasamento teórico específico para as questões vinculares que o trabalho com casais e famílias vinha-me apresentando. Após onze anos de escuta centrada na intrasubjetividade (1975-1986), escutar o casal e o grupo familiar significava transgredir parâmetros preestabelecidos pela formação psicanalítica e, mais do que isso, superar limites aparentemente impostos pela teoria. Durante muitos anos, não se pensou na psicanálise como indo além da poltrona e do divã e ficou bloqueado, na prática, o que podemos dizer que foi reprimido na teoria psicanalítica¹. Segundo Mannoni (1985), era difícil criar espaços de investigação realmente fecundos, já que o conformismo, o individualismo e o narcisismo exacerbado eram ameaças constantes, instalando-se, assim, um “militarismo pedagógico de transmissão de um saber constituído”, herdado e conservado, cujo lugar para a invenção, para o novo ou diferente tornava-se cada vez menor.

Neste contexto, fui acolhendo as construções teóricas da abordagem psicanalítica para os vínculos familiares. O engajamento nas questões vinculares me permitiu vivenciar uma primeira metamorfose do espaço habitado pela psicanálise que, nos últimos cinquenta anos, vem construindo novas teorias, a partir do legado freudiano, com o objetivo de responder à demanda da clínica: escutar o sofrimento de outras formas de subjetividade que se apresentam no casal e na família em suas diversas configurações.

¹ Parte destas idéias foi desenvolvida com meus pares do CPGF – Centro de Psicanálise de Grupo e Família – no trabalho: “Do individual ao grupo familiar – uma passagem”, apresentado no I Encontro de Grupanalise, Psicoterapia de Grupo e Saúde Mental de Língua Portuguesa. São Paulo, 1991.

Relendo Freud à luz da clínica das redes vinculares, constatamos que vários dos conceitos teóricos, surgidos na passagem do enfoque individual ao grupal, têm sua origem no texto freudiano. Para aprofundar o estudo desta questão e iniciar a investigação da abordagem psicanalítica sobre os vínculos, fui tomando contato com a produção de alguns dos autores argentinos e franceses (desde 1987). Estudar e transmitir suas concepções teóricas motivou a criação, em março de 1989, do CPGF - Centro de Psicanálise de Grupo e Família, do qual fui uma das fundadoras. O CPGF foi uma das iniciativas pioneiras na divulgação da abordagem psicanalítica na psicoterapia de casal e de família no Rio de Janeiro. Desde então, venho participando da transmissão e do ensino de uma teoria referendada na clínica psicanalítica dos vínculos (família, casal, grupos e instituições). A inserção no espaço da docência, seja em cursos de graduação, de aperfeiçoamento ou de formação psicanalítica, foi trazendo o desafio constante de repetir criando. Era importante abrir o leque da metapsicologia freudiana para as contribuições dos psicanalistas que vêm teorizando sobre os vínculos familiares.

A transformação deste momento ficou fortalecida em 1996, quando, inserida em projetos sociais, tive o privilégio de iniciar a escuta clínica em comunidades empobrecidas da periferia do Rio de Janeiro. Atendendo à demanda de escutar o sofrimento nos vínculos familiares, iniciei um grupo de reflexão psicanalítica, integrado por mulheres de três gerações: avós, mães e filhas, pertencentes a camadas de baixa renda. Este trabalho é realizado até hoje, na própria comunidade em que moram, como parte das atividades oferecidas pelo projeto Unicom da PUC-Rio.

Minha concepção teórica da abordagem psicanalítica para os vínculos familiares estava, até então, regida por modelos estruturalistas. Criados a partir da Estrutura de Parentesco de Lévi-Strauss, os conceitos Estrutura Familiar Inconsciente (E.F.I.) e zócalo do casal (Puget & Berenstein, 1989, 1999) eram construtos

que sustentavam a clínica vincular e pareciam dar conta de tudo, surgiam, no entanto, impedimentos em alguns casos clínicos.

Aprofundando o estudo da *transmissão psíquica*, fui construindo um novo olhar sobre estas situações de impedimento que, muitas vezes, tinham origem em gerações anteriores. O campo do geracional transformou, mais uma vez, minha clínica. A escuta do legado familiar nas mais variadas formas de família, assim como a constatação, na clínica, de que algo era sempre da ordem do imprevisível, do indeterminado, do acaso, motivou a busca de novos referenciais teórico-clínicos.

O estudo do conceito de *acontecimento* (Badiou, 1991) foi-se impondo e balançando as estruturas, desconstruindo conceitos e fazendo com que estes fossem recriados com outro olhar ou até substituídos por conceitos novos. O *acontecimento* é algo novo, que produz uma metamorfose ou mudança notável nas significações vigentes e cria um novo posicionamento até então inimaginável.

Durante praticamente os últimos vinte anos, tanto o pensar a psicanálise como o exercer a clínica psicanalítica dos vínculos ficaram tomados por uma aura estruturalista na qual tudo era, de alguma forma, previsto e cada peça tinha seus possíveis encaixes já determinados. Neste momento, ante a força do *acontecimento*, como fica a construção teórico-clínica sobre a transmissão psíquica no grupo familiar?

A repetição demanda o novo. Nunca há uma repetição idêntica sem algum ponto de transformação. As estruturas têm como dar conta do radicalmente novo? No enfoque da teoria da Complexidade (Morin, 1994), os modelos estão em construção constante, com maior flexibilidade, abertura e porvir. Proponho pensar a co-construção de uma rede ou tecido familiar, que conta com o “protagonismo” familiar, conjugal e individual.

Esta tese parte de demandas da clínica, tanto particular como em contexto comunitário, e quer construir aportes teóricos que respaldem a clínica atual na escuta da transmissão dos *legados sociofamiliares*.

Para ser autora do meu texto, um longo percurso foi necessário. Inicialmente, senti um mal-estar com a constatação de estar repetindo saberes já bem estabelecidos, com poucas aberturas para as demandas que surgiam dos novos desafios da clínica. Num segundo momento, a experiência de ruptura, de corte, distanciou-me do texto original herdado. A possibilidade de criação implicava partir para um novo olhar desse rico legado.

Estabelecendo um diálogo com outras disciplinas além da psicanálise, a leitura multidisciplinar propiciou a aproximação da filosofia, psicossociologia, antropologia, história, biologia e física. Revitalizei e transformei algo que fazia parte de minhas inquietações. Conceitos como os de *suplemento* e *acontecimento* emergiam do velho legado, revisitado neste momento já com outra escuta. O novo, em tudo isto, é o meu recorte, a minha construção, o pronome possessivo, o ser autora de uma investigação que expressa meu desejo, meus investimentos, meus objetivos. Existe, então, algo realmente novo, da ordem do acontecimento ou tudo é só repetição? O novo é da ordem singular, de cada um, de cada autor, de cada grupo familiar, de cada comunidade, e confere significação a uma profunda metamorfose: deixar de ser personagem e passar a ser protagonista.

O desafio na construção deste texto teve dupla-face. Por um lado, vir ao encontro da teoria, imprimindo vigor ao espírito de descoberta, e não ao de repetição. Como afirmam Abraham & Torok (1995), “prosseguir, voltando a cada passo, sobre ela mesma, em outras palavras, avançar numa auto-adequação incessante e controlada” (p.169). Por outro lado, partindo da clínica e a ela retornando constantemente, verificar a evolução dos conceitos, evidenciando na “casca” dos vocábulos o que existe de descontinuidade, assim como qual o “núcleo” que se mantém constante.

O estudo desenvolvido pretende ser uma contribuição para um olhar não totalitário da psicanálise e do seu legado. Sabemos que, em psicanálise, a pesquisa só é possível ao se considerar não só a

especificidade do campo como também a singularidade de cada caso. Diante deste posicionamento, esta tese propõe uma *escuta globolocalizada* na clínica.

A investigação tem como fio condutor revisitar o tema da transmissão psíquica, fazendo o resgate do eixo genealógico, já bastante estudado, e aprofundando o eixo dos acontecimentos contemporâneos que, acredito, pode estar cunhando impressões formadoras de inconsciente no futuro.

Retornar às origens e percorrer o caminho de repetição e de criação, na construção do legado psicanalítico sobre a transmissão psíquica, foi-me permitindo defender a tese de uma transmissão de *legados sociofamiliares* com as transformações impostas pela escuta do acontecimento.

Na contemporaneidade, vários estudos sobre a transmissão psíquica, desenvolvidos pela psicanálise, revalorizam o lugar dos traumas, ocorridos em todo e qualquer tempo da vida, como detonadores de informações que constituem o inconsciente a ser posteriormente trabalhado.

Isto posto, são questões hoje: como se inscrevem na subjetividade e nas redes vinculares, acontecimentos que vão sendo vividos além da infância, advindos do totalmente novo, do acaso? Todo acontecimento é traumático? Qual é o conceito de trauma que dá suporte à teoria da transmissão psíquica?

Desenvolver esta pesquisa passou a ter maior significação diante do acontecimento de 11 de setembro de 2001, o ataque às torres gêmeas de Nova York e ao Pentágono. Algo da ordem do inacreditável aconteceu. Nossos valores, medos e expectativas foram alterados. Falamos em era da incerteza, mas já nos lançamos à procura de outras certezas como defesa para um mal-estar crescente. Os criadores repensam suas obras. Inserida neste contexto, pergunto-me: o que está sendo construído e concomitantemente transmitido psiquicamente, como se inscrevem no psiquismo individual e vincular estas catástrofes humanitárias, estes acontecimentos do espaço transsubjetivo de hoje que nos

atingem com violência? Diante disto, mais de uma vez escuto na clínica: "este acontecimento será estudado nas aulas de história e no futuro contaremos o que passamos a nossos filhos e netos".

A articulação entre transmissão psíquica e acontecimento é o cerne do meu estudo, contribuição original para o campo da psicanálise, para as redes vinculares. É feito um estudo teórico-clínico das transformações sofridas pelo campo da transmissão psíquica, a partir das construções teóricas da psicanálise e do enriquecimento aportado pela abertura a outros saberes.

No dizer de Laplanche (1989), tentei “fazer trabalhar a teoria”, ou seja, pensá-la criativamente, metamorfoseando a teoria e a clínica em algum de seus aportes, podendo assim experimentar o novo, o imprevisível.

Movida pelo imperativo de acompanhar e refletir as mudanças de cada tempo, de ter um texto com sentido histórico, expressão de um tempo datado – partindo da teoria e da clínica –, a tese apresenta a proposta para uma escuta psicanalítica atual da transmissão psíquica no que tem de variante e de invariante, de criação e de repetição.

Referendando a articulação teórico-clínica do estudo, foram incluídos, no texto, fragmentos de casos clínicos de representantes das camadas privilegiadas da sociedade, atendidos em consultório particular, e de representantes da camada pobre da população, através da escuta grupal, feita em comunidade favelada.

No intuito de melhor conduzir o leitor, a tese tem um texto propriamente dito e um texto de contextualização.

No capítulo 2, como pré-texto ou texto de contextualização, reconto a história da psicanálise, na sua abordagem para as redes vinculares. A *metáfora da rede* foi privilegiada como sendo a mais representativa da interseção, em movimento e constituição constante, das dimensões intrasubjetiva, intersubjetiva e transubjetiva do psiquismo e dos vínculos estabelecidos. O leitor caminha por um terreno sem bandeiras, produzido pela criação e intercâmbio científico entre autores franceses, argentinos e

brasileiros contemporâneos; entra em contato com os destinos desta abordagem, sempre atravessada pela ordem estrutural e a ordem do acontecimento, marcada pelo meu percurso profissional.

No capítulo 3, recuperando as raízes teóricas do tema da transmissão psíquica, Freud é considerado o ancestral teórico dos aspectos intrasubjetivos e Winnicott, o precursor dos aspectos intersubjetivos e transubjetivos da transmissão psíquica.

Já no capítulo 4, iniciando o texto desta tese propriamente dito, recuperei o campo geracional da transmissão psíquica e apresentei o vínculo conjugal e o vínculo fraterno como transmissores, também, da contemporaneidade.

O capítulo 5 apresenta o que postulo ser a minha contribuição mais original na tese. Considerando a porosidade, caracterizadora das redes vinculares familiares de hoje, são tecidas algumas reflexões sobre os acontecimentos transubjetivos que chegam ao grupo familiar. Num pensar contextualizado pela realidade social brasileira e, em especial, pela realidade social do Rio de Janeiro como “cidade partida”, convido o leitor a fazer contato com alguns efeitos do desemprego e da violência urbana, acontecimentos que podem ter um devir criativo ou traumático e, por vezes, deflagrar um *fundo fantasmagórico globalizado*.

Finalmente, no capítulo 6, é feito um retorno à clínica, agora revitalizada pela investigação realizada na tese. As *redes vinculares de pertença* são apresentadas com sua função terapêutica a ser somada à função analítica em si, e a *escuta globolocalizada* é valorizada nos diferentes contextos sociais. Propõe-se, então, que o pensar em redes e a inclusão do acontecimento podem propiciar uma clínica marcada por múltiplas metamorfoses e em contínuo movimento.